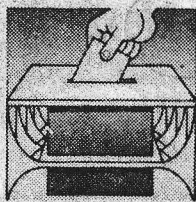


A arrancada do 2º turno

Apesar da influência que a disputa presidencial trará às articulações das candidaturas estaduais no ano que



vem, tudo indica que o confronto eleitoral ainda se dará entre políticos tradicionais. Mas haverá surpresa

Estados iniciam batalha pelo 3º turno da eleição

O mapa político desenhado pelo primeiro turno da sucessão presidencial já esboça a batalha pelos governos estaduais, em 1990, que alguns políticos classificam como o terceiro turno da eleição. A atual disputa terá forte influência na composição das candidaturas estaduais, mas a impressão inicial não indica, independente de quem se eleger presidente, o surgimento de uma nova safra de políticos. O choque eleitoral ainda se dará entre lideranças tradicionais, mesmo que se apresentem maquiadas pelas legêndas consolidadas na luta pelo Palácio do Planalto.

Este fato não significa que inexistirão novidades nas urnas de 3 de outubro do ano que vem. A principal delas poderá ser o banqueiro José Eduardo Andradinha, presidente do Bamerindus, e forte candidato ao governo do Paraná. Nos principais colégios eleitorais — São Paulo, Rio, Minas, Rio Grande do Sul, Bahia e Pernambuco — os resultados das urnas de quarta-feira já sinalizam o quadro de algumas candidaturas e até o vácuo de herdeiros, como o PDT no Rio Grande do Sul e o PT em Pernambuco, Bahia e Distrito Federal. Brizola e Lula tiveram votações muito expressivas, mas os partidos não contam com líderes importantes. Em São Paulo, os principais partidos, à exceção do PDT, vivem situação inversa. Seus líderes mais fortes surgiram como candidatos naturais ao Palácio dos Bandeirantes.

A primeira influência direta da eleição presidencial certamente será a expressiva votação de Leonel Brizola no Rio de Janeiro. A consolidação de sua liderança no Estado abre o leque de pretendentes à sucessão de Moreira Franco: o prefeito do Rio, Marcelo Alencar, seu vice, Roberto D'Ávila, e o deputado federal César Maia são candidatos potenciais. No PT, da mesma forma, deverá travar uma luta interna pela indicação o presidente regional do partido, Jorge Bittar, e os deputados federais Wladimir Palmeiras e Benedita da Silva. A surpreendente votação de Mário Covas fortalece as pretensões dos deputados Ronaldo César Coelho e Arthur da Távola, do ex-deputado Marcelo Cerqueira e até do cientista político Hélio Jaguaribe.

Em Minas Gerais, o primeiro turno produziu pelo menos duas candidaturas respaldadas pela quantidade de votos dos respectivos partidos: o deputado Virgílio Guimarães, do PT, e o prefeito de Belo Horizonte, Pimenta da Veiga, do PSDB. A vitória de Fernando Collor de Mello fortaleceu as pretensões da vice-governadora Júnia Marise, enquanto continua correndo por fora o ex-governador Hélio Garcia. O desastre do PMDB desanima qualquer articulação imediata do governador Newton Cardoso para comandar sua sucessão dentro do partido. Os três mineiros candidatos a vice-presidente — Aluizio Pimenta, Bonifácio Andradinha e Itamar



Ormuzd Alves/AE-5/10/89

José Eduardo: banqueiro pode virar grande surpresa no PR

Franco — perderam o fôlego com o baixo índice de votos que conquistaram para Afif Domingos, Paulo Maluf e até mesmo Collor. O vitorioso no primeiro turno perdeu em Juiz de Fora, terra de seu vice Itamar. A dieta de votos, inclusive em seu Estado, aparentemente exclui Aureliano Chaves do páreo.

A política do Paraná vem girando nos últimos meses em torno dos popularmente conhecidos como "cinco jotas" — os ex-governadores José Richa, Jayme Canet Júnior e João Elísio, o prefeito de Curitiba, Jayme Lerner e o banqueiro José Eduardo Vieira. Comenta-se em Curitiba a existência de um pacto para que só um deles saia candidato a governador, com o apoio dos demais. Neste caso, numa primeira avaliação, o presidente do Bamerindus saiu fortalecido do primeiro turno. Ele apoiou abertamente Collor. Embora negue pretensões de entrar na política, não fecha as portas: "Estou pronto para servir ao nosso Estado. Ninguém tem direito de se omitir", tem declarado.

Se quiser, Zé Eduardo, como é conhecido, não terá dificuldades de atropelar o deputado estadual José Carlos Martinez, autolancado candidato pelo PRN. Seu maior obstáculo poderá ser o senador José Richa, amigo de muitos anos, participante do possível pacto, mas fortalecido no PSDB com a expressiva votação de Mário Covas. O banqueiro, que poderá surgir como o fato novo na sucessão estadual, não deverá se descuidar da forte liderança do governador Álvaro Dias, aparentemente não atingido pelo desastre de Ulysses Guimarães, a quem não apoiou. Dias pode respaldar o nome do ex-secretário Roberto Requião.

O Rio Grande do Sul e Pernambuco vivem curiosas situações. A esmagadora vitória de Leonel Brizola não tem herdeiros até o momento, pela pouca expressão do partido no Estado! "A força de Brizola é uma coisa e a do

PDT é bem outra", lembra o senador José Fogaça, do PMDB. Desta forma, a batalha estadual deverá ser travada entre as velhas lideranças. Surgem como candidatos o ex-deputado Nelson Marchezan, pelo PDS, e o senador Carlos Chiarelli, PFL, que apoiou Collor.

O governador Pedro Simon passou também ao largo da derrota de Ulysses e pode ter fôlego para influir fortemente em sua sucessão. O presidente regional do PT, deputado Raul Pont, ambiciona a candidatura, apesar do fraco desempenho de Lula no Estado. Ironicamente, a boa votação de Lula em Pernambuco está, num primeiro momento, no vazio. O partido não tem líderes com força para embolsar os dividendos dos votos. Assim, políticos tradicionais despontam como possíveis postulantes à cadeira de Miguel Arraes: o senador Marco Maciel, pelo PFL, o ex-prefeito de Recife Jarbas Vasconcellos, pelo PMDB, e o atual prefeito Joaquim Francisco, que poderá deixar o PFL à cata de outra legenda. A inexpressiva votação de Brizola no Estado, inclusive a derrota em Caruaru, deve sepultar os sonhos do deputado Fernando Lyra.

Na Bahia o quadro se apresenta confuso. Apesar da vitória de Collor, o ministro Antônio Carlos Magalhães sofre um alto índice de rejeição. O ex-governador Waldir Pires, embora tenha conseguido a única votação de certa expressão para Ulysses, deverá ter dificuldades para juntar os pedaços do PMDB. O PT não tem lideranças fortes no Estado e a inexpressiva votação de Brizola afetará as ambições do ex-prefeito Mário Kertesz e do vereador Gilberto Gil.

Brasília, que elegerá seu primeiro governador, já tem três pretendentes: o senador Maurício Corrêa, pelo PDT, e os empresários Paulo Otávio e Luis Estêvão, comandantes da campanha de Collor.